

Quiconque est King Kong

Todo mundo é King Kong

A propos de « King Kong », de Peter Jackson

RICHARD ABIBON

Sobre o filme “king Kong” de Peter Jackson

Tradução: Eugênia Correia Krutzen - (*work in progress* - genacor01@uol.com.br). *Mantenho no texto as duas línguas, para incentivar o leitor a contribuir com sua sugestão de tradução).*

Voilà un film qui en dit long, à la mesure de sa longueur, qui nous offre deux films en un. Longueur pas le moins du monde ennuyeuse, puisqu'elle tresse habilement le fil(m) de la « réalité » et celui du fantasme. Celui de la réalité d'abord, dans une formidable mise en place du décor. Au tout début, quelques images brèves, mais admirablement choisies, décrivent en quelques minutes le lieu et l'époque. Un homme encore vêtu d'un costume de ville cherche de quoi manger dans une poubelle, honteux de son geste.

Aqui está um filme que é chamado de “longa duração”, na medida que o tempo de sua projeção nos oferece dois filmes em um. Duração que não tem nada de tediosa, pois tece habilmente o fio (*) da realidade com aquele do fantasma. O da realidade, antes de tudo, é feito em um formidável cenário, em todo o início, por algumas imagens breves, mas admiravelmente escolhidas, descrevendo em alguns minutos o lugar e a época. Um homem ainda vestido em trajes de cidade pequena, procura alguma coisa para comer em uma lixeira, envergonhado de seu gesto.

On détruit un alambic. L'Amérique des années trente, la crise, le chômage, la misère, la prohibition. Puis l'attention se focalise sur Naomi Watts : l'actrice joue le rôle d'une actrice jetée à la rue par la fermeture de son petit théâtre. Elle rencontre alors un metteur en scène aux abois, poursuivis par producteurs et créanciers. Est-ce une constellation particulière de ma mémoire ou une coïncidence voulue : ce type a tout à fait la gueule d'Orson Welles à cette époque, et, comme lui, c'est un arnaqueur, ce qui ne veut pas dire complètement dénué de talent.

Um alambique é destruído. A América dos anos trinta, a crise, o desemprego, a miséria, a proibição. Depois a atenção vai se focalizar sobre Naomi Watts: ela faz o papel de uma atriz despedida pelo fechamento de seu pequeno teatro, encontra então um diretor nas últimas, perseguido por produtores e agiotas. Será que é uma construção particular de minha memória ou será uma coincidência desejada, o fato de que esse cara tem tudo de Orson Welles em sua época, e, como ele, é um malandro, o que não quer dizer que seja completamente desprovido de talento?

Cet homme-là, poursuivi par la réalité, cherche à y échapper. C'est donc par lui que nous aborderons les rivages du rêve. Il veut montrer du fantastique au bon peuple : il va être servi. Il est entré en possession de la carte d'un île inconnue, qui s'appelle, je vous le donne en mille : Skull Island, l'île du crâne. Donc, ce qui va se passer là-bas, c'est dans la tête que ça se passe.

Esse homem, então, perseguido pela realidade, procura escapar a ela. É então por ele que abordamos as margens do sonho. Ele quer mostrar o fantástico às pessoas de boa fé: e vai conseguir. Chega até ele um mapa de uma ilha desconhecida, que se chama, como já era de se esperar: Skull Island, ilha do crânio. Então, o que vai acontecer lá, é na cabeça que acontece.

Qu'y a-t-il dans ce crâne ? D'abord des indigènes en transe. Ils ont les yeux blancs de ceux qui se droguent ou sont sous l'emprise d'une possession étrange. Tempête sous un crâne. Ils nous refont le coup du sacrifice au totem, par lequel toute peuplade rejoue son origine et met en

jeu son unité. Il faut périodiquement sacrifier quelqu'un, un homme ou un animal, au totem qui est presque toujours un animal. La régression aux formes primitives d'organisation sociale précède la régression infantile. Et quel est cet animal totem dont on pense apaiser le courroux par un tel sacrifice ? Tout le monde le sait depuis le début : King Kong.

E o que é que há nesse crânio? Inicialmente indígenas em transe. Eles têm olhos brancos, como quem se droga, ou estão sob o poder de uma estranha possessão. Tempestade no crânio. Eles nos repetem o lance do sacrifício do totem, por meio do qual o povo todo reencontra sua origem e coloca em questão sua unidade. É preciso sacrificar periodicamente alguém, ao totem, que é quase sempre um animal. A regressão às formas primitivas de organização social precede a regressão infantil. E qual é esse animal totêmico que se tenta apaziguar a ira por esse sacrifício? Todo mundo sabe desde o início: King Kong.

La beauté blonde de notre actrice semble fasciner les indigènes : elle sera la victime. Et ceci n'est pas seulement un argument de vente cinématographique. Il est bon que la beauté soit confrontée à l'horreur. L'une ne saurait exister sans l'autre, et, mieux : l'une s'institue comme le voile nécessaire de l'autre. La beauté doit masquer l'horreur comme, ici, elle doit apaiser l'entité tutélaire. Affublée du collier qui la désigne à sa place de victime, elle est livrée au monstre. Et ici, l'intelligence de notre amie brise les nœuds apparemment inéluctables de la destinée. Juste avant d'être démembrée, elle aperçoit les cadavres de celles qui l'ont précédée, squelettes épars, tous munis du même collier qu'elle. En un instant, elle comprend l'importance de cette marque, et elle s'en débarrasse. King Kong est désorienté, entrant dans une violente colère dans laquelle il brise tout ce qui se trouve à sa portée, sauf la jeune fille : manœuvre de substitution, comme Abraham tuant un mouton à la place de son fils. Ainsi peut-on comprendre qu'elle sait lire, et King Kong aussi. Au-delà de ce qui les sépare, cette marque du sacrifice devient point commun.

A beleza loura de nossa atriz parece fascinar os indígenas: ela será a vítima. E isso não é somente um argumento de venda cinematográfica. É

bom que a beleza seja confrontada com o horror. Uma não vai sem a outra, ou melhor ainda: uma se institui como o véu necessário à outra. A beleza deve mascarar o horror, como aqui, ela deve apaziguar a entidade tutelar. AFFUBLÉE do colar que a designa em seu lugar de vítima, ela é jogada ao monstro. E aqui, a inteligência de nossa amiga toca os nós aparentemente inelutáveis do destino. Até antes de ser desmembrada, ela percebe os cadáveres daqueles que a precederam esqueletos espalhados, todos portando o mesmo colar que ela. Em um instante, ela compreende a importância daquela marca, e se livra dela. King Kong fica desorientado, entrando em uma crise de cólera violenta que atinge tudo que se encontra a seu alcance, menos a moça, numa manobra de substituição, como Abraão matando um cordeiro no lugar de seu filho. Assim se pode compreender que ela sabe ler, assim como ele também. Para além de tudo mais que os separa, essa marca do sacrifício se torna um ponto comum entre eles.

C'est une lettre, au sens de la lettre volée de Lacan. Elle a le pouvoir de transformer qui la possède, de vivant à mort ou de potentiellement morte à vivante. Elle féminise au sens où qui la possède reste confiné à la passivité, et c'est bien pourquoi, bien qu'impuissante entre les énormes doigts de la bête, elle vire à l'activité en donnant à lire un tout autre texte. Il s'avère que celui-là, King Kong ne sait pas plus le lire qu'elle, c'est le texte sans lettre d'une relation qui ne devait pas avoir lieu, mais qui va néanmoins se mettre en place.

Trata-se de uma letra, no sentido da "letra roubada" (*nota da tradução: "lettre" tanto quer dizer letra quanto "carta", em alusão ao conto "A carta roubada", analisado por Lacan nos Escritos*). Ela tem o poder de transformar quem a possui, de vivo em morto, ou de potencialmente morto em vivente. Ela feminiza, no sentido onde quem a possui fica confinado em uma passividade, e é bem por isso, bem impotente entre os enormes dedos do monstro, que ela volta à atividade, dando a ler um outro texto bem diferente. Verifica-se que aquele ali, King Kong, não sabe mais ler mais do que ela, nesse texto sem letra de uma relação que não pode ter lugar, mas que vai, entretanto, se fazer presente.

Ce sera le début d'une touchante histoire d'amour, tissée de séduction et de protection, d'interdiction et d'abandon. Car, qu'est-ce que le totem ? Freud nous l'enseigne, c'est le substitut du père mort. Mais dans les jeux d'approche de la belle et de la bête, dans leurs attentes anxieuses et leurs rapprochements tendres, nous n'avons pas besoin de cet enseignement pour deviner le délicat chemin par lequel un père et son petit enfant se reconnaissent mutuellement.

Este sera o começo de uma tocante história de amor, tecida de sedução e proteção, de interdição e de abandono. Por qu, o que é isso, o totem? Freud nos ensina, é o substituto do pai morto. Mas nos jogos de aproximação da bela e a fera, em suas expectativas ansiosas e suas ternas aproximações, não temos necessidade dessa lição para advinhar o delicado caminho pelo qual um pai e seu filhinho se reconhecem mutuamente.

Je pourrais tout aussi bien dire une mère, car les deux cas doivent se plier au même parcours obligé de la découverte mutuelle. On ne naît pas père ou mère, on le devient, et ceci, non du simple fait de la naissance, mais des aléas d'une rencontre. Toute naissance est une adoption.

Poderia também dizer uma mãe, porque nos dois casos, devem se dobrar ao mesmo percurso, obrigadas pela mútua descoberta. Ninguém nasce pai ou mãe, todo mundo se torna pai ou mãe, e isso, não pelo simples fato do nascimento do filho, mas DES ALÉAS de um reencontro. Todo nascimento é uma adoção.

J'ajouterais volontiers, au risque du paradoxe ou du truisme : on ne naît pas enfant, on le devient.

Acrescentaria de bom grado, sob o risco de paradoxo ou truísmo: não se nasce criança, a gente se torna criança.

King Kong est-il mâle ou femelle ? Ce n'est pas évident. C'est King Kong, le totem, et comme ça chacun peut projeter sur lui le parent qu'il veut, et même l'enfant. Car, après tout, on peut bien lire aussi cette relation à l'envers : malgré sa taille de géant, ça reste quelqu'un qui ne parle pas,

comme un bébé. Nous avons tous des souvenirs de petit ayant eu affaire à des grands. Dans les contes de fées, les histoires de géants en sont un avatar. Nous pouvons donc lire cette histoire d'amour dans le sens qui convient à notre propre histoire. C'est sans doute un des ressorts du succès de ce film.

King Kong é macho ou fêmea? Isso não fica claro. É King Kong, o totem, e assim cada um pode projetar sobre ele seu parente, conforme sua vontade, e até mesmo, seu filho. Porque, depois de tudo, se pode bem ler essa relação ao inverso: apesar de seu tamanho de gigante, ele é sempre alguém que não fala, tal como um bebê. Temos todas lembranças de criança em confusão com os grandes. Nos contos de fadas, as histórias de gigantes são avatares. Podemos então ler essa história de amor no sentido que convém à nossa própria história. É sem dúvida um dos recursos para o sucesso desse filme.

Enfin, dans un sens comme dans l'autre, les duos Naomi Watts – King Kong sont tous d'une facture délicieuse. Si elle cherche d'abord à s'enfuir subrepticement, elle en vient vite, vu l'échec, à des tentatives de séduction. On devine que son but premier est de sauver sa peau, en se rendant intéressante, utile comme bouffon du seigneur de la jungle. Mais derrière cette apparence, n'est-ce pas ce que fait toute mère pour faire naître un sourire aux lèvres de son enfant ? N'est-ce pas ce que tout enfant fait pour se rendre intéressant aux yeux de son père ? Et puis, devant les dangers de la dite jungle, et puisqu'il lui sauve la vie à plusieurs reprises, on est ravi de la voir lui courir après lorsqu'il la laisse seule. Mieux vaut son inquiétante protection qu'une liberté qui ne vaudrait pas grand-chose dans un tel monde.

Enfim, tanto em um sentido como no outro, as duplas tipo Naomi Watts – King Kong são de uma FACTURE deliciosa. Se ela procura antes de tudo, fugir, subrepticamente, ela volta logo, por causa dos fracassos e das tentativas de sedução. Advinha-se que sua primeira tarefa é salvar sua pele, tornando-se interessante, útil como BOUFFON do senhor da selva. Mas por trás dessa aparência, não é isso que faz qualquer mãe para fazer

nascer um sorriso nos lábios de seu filho? Não é também isso que faz qualquer criança para se tornar interessante aos olhos de seu pai? Edepois, diante dos perigos da tal selva, e porque ele lhe salva a vida várias vezes, se fica contente de vê-la correr atrás, quando ele a deixa sozinha. É melhor ter sua inquietante proteção que uma liberdade que não valeria muita coisa em um mundo assim.

Ainsi en est-il des relations enfant-parent : le petit cherche à quatre pattes à découvrir un monde dont il méconnaît les dangers. Et, tombant dessus, il se trouve bien content de la salvatrice intervention parentale.

Assim também nas relações criança-pais: o pequeno procura, engatinhando, descobrir um mundo que ele desconhece os perigos. E, caindo, ele fica bem contente com a providencial intervenção parental.

De ces échanges, une véritable tendresse se met en place, d'un côté comme de l'autre. Et, ponctuation d'une belle scène de repos après tant d'aventures, *elle lui parle* : « *beautiful* » répète-t-elle en se mettant la main sur le cœur, devant le spectacle d'un magnifique coucher de soleil.

Nessas trocas, uma verdadeira ternura se desenvolve, tanto de um lado como de outro. E, pontuação de uma bela cena de repouso depois de tantas aventuras, ela lhe diz: “belo”, repete, pondo a mão no coração, diante do espetáculo de um magnífico pôr do sol.

Ça y est, la belle a apprivoisé la bête mais l'inverse est également vrai : si elle lui parle, qui plus est en faisant appel à son sens de l'esthétique, c'est qu'elle l'a fait entrer dans le registre de l'humain. Il y a du petit prince dans cette histoire. L'émotion que nous ressentons, à cet instant, émotion dont on peut dire qu'il s'agit de la sienne, c'est celle d'une mère qui entend la première parole de son enfant. Mais l'enfant, c'est aussi bien elle dans l'hommage qu'elle rend ainsi à la protection du géant.

Lá está, então, a bela aprisionando a fera, mas o inverso é igualmente verdadeiro: se ela lhe fala, fazendo apelo a seu senso estético, é porque ela a fez entrar no registro do humano. Há um pouco do “Pequeno Príncipe”

nessa história. A emoção que sentimos, nesse instante, emoção on se pode dizer que é a sua, é aquela de uma mãe que escuta a primeira palavra de sua criança. Mas a criança, ela também está na homenagem que rende à proteção do gigante.

Un père n'est-il pas celui qui protège ? Un père enfant, n'est-ce pas l'idéal d'une mère ?

Dans ce moment de calme, la Belle s'endort dans les bras de la bête.

Um pai não é aquele que protege? Um pai criança, não é o ideal de uma mãe?

Nesse momento de calma, a Bela adormece nos braços da fera.

Alors survient l'amoureux, venant la délivrer de ce fatal enchantement. Vous l'aurez sans doute remarqué, l'homme avait fait le voyage dans les cages prévues pour les animaux. Il n'y avait plus de cabine pour lui. Subtile prémonition : il était déjà à la place de la bête.

Chega, então, o apaixonado, livrando-a desse encantamento fatal. Vocês certamente notaram, o homem tinha feito a viagem em jaulas construídas para animais. Não havia mais cabine para ele. Sutil premonição: ele já está, então, no lugar da fera.

Scène de genre : il faut bien en effet que tout homme affronte des périls pour s'approcher d'une femme jalousement gardée par son père. Dans nos contes familiaux, le chevalier a fait de même avant de pouvoir déposer un baiser sur le front de la belle au bras dormant.

Cena do gênero: é preciso, de fato, que todo homem enfrente perigos para se aproximar de uma mulher ciumentamente protegida por seu pai. Nos contos familiares, o cavaleiro faz isso mesmo, antes de poder depositar um beijo na testa da bela "AU BRAS" (nota da tradução: há um trocadilho entre "bras dormant" e o conto "bois dormant", difícil de conservar).

Dans notre film, quels sont ces périls ? Des monstres préhistoriques ouvrant des gueules pleines de dents.



Em nosso filme, quais são esses perigos? Monstros pré-históricos abrindo goelas cheias de dentes.

Des canyons vertigineux, avec au fond une foule de bestioles peu recommandables : des insectes géants, et surtout d'énormes vers grands comme un homme, munis de bouches aussi voraces que dentées.

Canyons vertiginosos, tendo ao fundo uma fila de bichos pouco recomendáveis: insetos gigantes, e sobretudo, enormes vermes, grandes como homens, munidos de bocas tão vorazes quanto dentadas.

Qu'est-ce que tout cela ? le bestiaire habituel des films fantastiques, me direz-vous. Certes, mais justement pourquoi est-il si récurrent ? et pourquoi ici, ces vers, d'originale facture, et donnant en quelque sorte la clef de tout le reste ? Ces vers surgissant d'une vase immonde ressemblent à s'y méprendre à des phallus. Ils ne s'en distinguent que par la voracité de leur bouche. De ce fait, ils ne pénètrent pas les corps, ils font que les corps les pénètrent. Ce sont des phallus féminisés.

O que é isso tudo? O bestiário habitual dos filmes fantásticos, vocês me dirão. Sim, certamente, mas justamente porque isso é tão recorrente? E por que aqui, esses vermes, D'ORIGINALE FACTURE, de certo modo, dando a chave de todo o resto da história? Esses vermes surgem de um vaso imundo, parecidos a falos mal ajambrados. Eles só se distinguem uns dos outros pela voracidade de suas bocas. Assim, eles não penetram os corpos, eles fazem com que os corpos lhes penetrem. São falos feminizados.

Par leur isolement de tout corps et leur faim d'autres corps, ils témoignent en fait de la menace de castration. La coupure maintenant la distance entre phallus et corps existe, la voilà, et de plus, elle se transforme en vagin denté pouvant avaler non seulement un membre mais un corps entier. L'homme que nous voyons succomber à ces bestioles commence à se faire avaler un bras, puis c'est la tête, et tout le reste. Autrement dit : privé d'un membre essentiel, le phallus, sous la forme métaphorique du bras, l'homme perd la tête, et finit par perdre (le goût à) la vie.

Pelo isolamento de TOUT CORPS e pela fome de outros corpos, eles testemunham, de fato, a ameaça de castração. O corte mantendo a distancia entre falo e corpos existe, está ali, e além disso, ela se transforma em vagina dentada podendo engolir não apenas um membro mas um corpo inteiro. O homem que vemos sucumbir a esas feras começa tendo um braço engolido, depois é a cabeça, e depois o resto. Em outras palavras: privado de um membro esencial, o falo, sob a forma metafórica do braço, o homem perde a cabeça, e termina por perder (o gosto pela) a vida.

Freud le remarquait avec justesse dans la parole d'un paysan bosniaque qui venait le consulter pour impuissance : « Herr, vous savez bien que sans cela, la vie ne vaut plus rien ».

Freud observou isso com rigor, nas palavras de um camponês bósnio que tinha ido lhe consultar por impotência: “Doutor, o senhor sabe bem, sem isso, a vida não vale mais nada”.

Les vers voraces nous donnent donc la voie de l'interprétation de toutes ces gueules ouvertes sur des myriades de dents acérées qui s'ouvrent à tout bout de champ (et de contre champ).

Os vermes vorazes nos dão, então, a via da interpretação de tantas goelas abertas sob as miríades de dentes ACÉRÉES que se abrem

Du coup, l'univers entier auquel s'affronte les explorateurs de l'île du crâne nous donne sa juste mesure : c'est l'enfer de la menace de castration qui se présente à chaque pas. Ces canyons immenses où l'on risque des chutes mortelles ne sont rien d'autre que la caricature, amplifiée par l'angoisse, du sexe féminin, d'autant que le fond s'en trouve grouillant de ces phallus féminisés, et de ces insectes aux multiples pattes et antennes qui sont autant de rappel des excroissances du corps. On les retrouve dans les cauchemars et les phobies de la plupart des gens. Des multiples excroissances émanant du corps, ce n'est autre que des moyens de défense dérisoires : le multiple imaginaire contre l'angoisse de la coupure de la seule excroissance qui importe, le phallus.

Mais revenons à cette scène où l'amoureux retrouve sa belle endormie dans les bras de la bête. Autre interprétation, oedipienne, cette fois : voilà le fantasme de tout petit garçon s'imaginant dérober sa mère aux bras de son père. La castration est aussi la rançon d'un tel fantasme. Bien sûr il ne s'agit pas ici de sa mère, mais la conquête d'une femme réactive toujours ces vieux fantasmes enfouis. Il faut toujours conquérir une femme sur son indifférence, ou sur l'empire d'un autre homme, mon père, ou son père, au minimum. Qui nous dit que son indifférence n'est pas due au fait que,

justement, face à son père, je ne fais pas le poids ? En l'occurrence, King Kong donne la juste mesure de l'écart qui reste à surmonter.

Notre chevalier réussit donc à éveiller sa belle et tous deux parviennent à échapper au monstre grâce à l'aide providentielle de vampires aux dimensions démesurées : autre version du phallus ailé. C'est d'ailleurs accroché aux pattes de l'un d'eux qu'ils parviendront au pied de la falaise sans encombre. La suspension au-dessus de gouffres vertigineux se répète comme autant de métaphores de cette autre castration qui concerne cette fois l'être. En effet, toute grammaire conjugue les deux passions humaines dans le registre de l'être et de l'avoir. Nous avons passé en revue les horreurs qu'engendre la castration dans l'avoir, le phallus. Cette situation d'accrochage au-dessus du vide, avec la menace de chute terrible, voilà par où nous en sommes tous passés : par un moment d'identification au phallus de la mère. Il en reste des traces chez tout le monde, plus ou moins violentes. L'attraction pour les gouffres, les montagnes, ou les points de vue touristiques, la peur de ces endroits au contraire, le vertige, la phobie du métro, l'agoraphobie sont autant de modalités de ce type de castration. Les cinéastes le savent bien, au moins intuitivement, qui nous mettent à plaisir dans ce genre de situation. Nous y prenons plaisir parce que nous savons frémir à bon compte : nous sommes tranquillement dans notre fauteuil et c'est un autre qui risque la chute à notre place. Nous pouvons jouir tranquillement de la frousse par procuration.

Et puis nos héros s'en sortent fort bien, se servant en fait du vampire comme parachute. Bien des terreurs peuvent ainsi se révéler des talents cachés.



Cette fameuse scène des retrouvailles de l'amoureux et de sa belle se reproduira à la fin du film, dans ce moment célèbre de la dernière bataille au sommet de l'Empire state building.

Le dévouement de la belle pour sa bête ne connaît aucune mesure. Elle m'a fait frémir à oser grimper si haut avec de si faibles protections. Et tout cela pourquoi ? Pour faire signe aux aviateur chargés d'abattre le danger public, et lui faire un rempart de son corps. Elle ne doute de rien ! C'est cela qui est si émouvant, au fond. Mais l'image où enfin elle se dresse (sic) entre les avions et son amoureux à poils m'a soudain sidérée : la différence entre leurs tailles fait qu'elle apparaît au milieu de ses jambes écartées, exactement en position de phallus. Si nous avons tous dû en passer pas là, être le phallus de la mère, c'est le destin d'une femme, faute de l'avoir, que d'y rester identifiée.

La chute cette fois sera différente, et c'est aussi le destin d'une femme que de parvenir à faire basculer sa mère dans l'abîme, y compris en cherchant à la sauver. Cette fois, la castration dans l'être ne fait pas tomber le sujet, mais le corps qui l'avait portée. C'est sans doute ce qui lui permet d'assumer au sommet sa féminité, car aussitôt l'autre amoureux, le sans poils, vient prendre la place devenue vacante. Il faut bien accepter d'être une femme, si on veut accueillir un homme dans ses bras.

King Kong a donc pris la place de chacun des adultes tutélaires qui nourrissent l'imaginaire des petits enfants, imaginaire subsistant à l'état de traces inconscientes tout au long de la vie. Il a aussi pris par moment les

traits du petit enfant. Ainsi va la logique des rêves : les personnages d'un rêve peuvent inverser en un instant leurs fonctions de représentation. Le petit devient le grand, le féminin devient le masculin... C'est par cette logique que nous nous identifions à nos objets d'amour, que nous avons perdus, soit en les dévorant, soit en les précipitant dans l'abîme, devenant ce qu'ils ont été, puis nous efforçant de retrouver dans l'autre leurs traits tels qu'ils se sont inscrits en nous.

« Psychopathologie de la vie quotidienne », premier chapitre, à propos de l'oubli de nom
« Signorelli ».